

GABRIELA, CRAVO E CANELA

CRÔNICA DE UMA
CIDADE DO INTERIOR

JORGE
AMADO

POSFÁCIO DE JOSÉ PAULO PAES

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by GRAPIÚNA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.
1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Consultoria da coleção
ILANA SELTZER GOLDSTEIN

Capa
KIKO FARKAS/ MÁQUINA ESTÚDIO
MATEUS VALADARES/ MÁQUINA ESTÚDIO

Cronologia
ILANA SELTZER GOLDSTEIN
CARLA DELGADO DE SOUZA

Preparação
DENISE PESSOA

Revisão
JULIANE KAORI
GABRIELA MORANDINI

Atualização ortográfica
PÁGINA VIVA

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

Gabriela, cravo e canela : crônica de uma cidade do interior
/ Jorge Amado ; posfácio de José Paulo Paes. — 2ª ed. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2098-7

1. Romance brasileiro I. Paes, José Paulo. II. Título.

12-04293

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

PRIMEIRA PARTE

AVENTURAS & DESVENTURAS DE UM BOM BRASILEIRO
(NASCIDO NA SÍRIA) NA CIDADE DE ILHÉUS, EM 1925,
QUANDO FLORESCIA O CACAU & IMPERAVA O PROGRESSO

COM
AMORES, ASSASSINATOS, BANQUETES, PRESÉPIOS,
HISTÓRIAS VARIADAS PARA TODOS OS GOSTOS,
UM REMOTO PASSADO GLORIOSO
DE NOBRES SOBERBOS & SALAFRÁRIOS,
UM RECENTE PASSADO
DE FAZENDEIROS RICOS & AFAMADOS JAGUNÇOS,
COM
SOLIDÃO & SUSPIROS, DESEJO, VINGANÇA, ÓDIO,
COM
CHUVAS E SOL
&
COM
LUAR, LEIS INFLEXÍVEIS, MANOBRAS POLÍTICAS,
O APAIXONANTE CASO DA BARRA,
COM
PRESTIDIGITADOR, DANÇARINA, MILAGRE
&
OUTRAS MÁGICAS

OU

UM BRASILEIRO DAS ARÁBIAS

CAPÍTULO PRIMEIRO

O LANGOR DE OFENÍSIA

(que muito pouco aparece mas nem por isso é menos importante)

Neste ano de impetuoso progresso...
(de um jornal de Ilhéus, em 1925)

RONDÓ DE OFENÍSIA

*Escutai, ó meu irmão,
Luiz Antônio, meu irmão:*

*Ofenísia na varanda
na rede a se balançar.
O calor e o leque,
a brisa doce do mar,
mucama no cafuné.
Já ia fechar os olhos
o monarca apareceu:
barbas de tinta negra,
ó resplendor!*

*O verso de Teodoro,
a rima para Ofenísia,
o vestido vindo do Rio,
o espartilho, o colar,
mantilha de seda negra,
o sagui que tu me deste,
tudo isso de que serve
Luiz Antônio, meu irmão?*

*São brasas seus olhos negros,
(— São olhos do imperador!)
incendiaram meus olhos.
Lençol de sonho suas barbas
(— São barbas imperiais!)
para o meu corpo envolver.
Com ele quero casar
(— Com o rei não podeis casar!)
com ele quero deitar
em suas barbas sonbar.
(— Ai, irmã, nos desonrais!)
Luiz Antônio, meu irmão,
que esperais pra me matar?*

*Não quero o conde, o barão,
senhor de engenho não quero,
nem os versos de Teodoro,
não quero rosas nem cravos
nem brincos de diamante.
Tudo que quero são as barbas,
tão negras do imperador!
Meu irmão, Luiz Antônio,
da casa ilustre dos Ávilas,
escutai, ó meu irmão:
se concubina não for
do Senhor imperador
nessa rede vou morrer
de langor.*

Naquele ano de 1925, quando floresceu o idílio da mulata Gabriela e do árabe Nacib, a estação das chuvas tanto se prolongara além do normal e necessário que os fazendeiros, como um bando assustado, cruzavam-se nas ruas a perguntar uns aos outros, o medo nos olhos e na voz:

— Será que não vai parar?

Referiam-se às chuvas, nunca se vira tanta água descendo dos céus, dia e noite, quase sem intervalos.

— Mais uma semana e estará tudo em perigo.

— A safra inteira...

— Meu Deus!

Falavam da safra anunciando-se excepcional, a superar de longe todas as anteriores. Com os preços do cacau em constante alta, significava ainda maior riqueza, prosperidade, fartura, dinheiro a rodo. Os filhos dos coronéis indo cursar os colégios mais caros das grandes cidades, novas residências para as famílias nas novas ruas recém-abertas, móveis de luxo mandados vir do Rio, pianos de cauda para compor as salas, as lojas sortidas, multiplicando-se, o comércio crescendo, bebida correndo nos cabarés, mulheres desembarcando dos navios, o jogo campeando nos bares e nos hotéis, o progresso enfim, a tão falada civilização.

E dizer-se que essas chuvas agora demasiado copiosas, ameaçadoras, diluviais, tinham demorado a chegar, tinham-se feito esperar e rogar! Meses antes, os coronéis levantavam os olhos para o céu límpido em busca de nuvens, de sinais de chuva próxima. Cresciam as roças de cacau, estendendo-se por todo o sul da Bahia, esperavam as chuvas indispensáveis ao desenvolvimento dos frutos acabados de nascer, substituindo as flores nos cacauais. A procissão de São Jorge, naquele ano, tomara o aspecto de uma ansiosa promessa coletiva ao santo padroeiro da cidade.

O seu rico andor bordado de ouro, levavam-no sobre os ombros orgulhosos os cidadãos mais notáveis, os maiores fazendeiros, vestidos com a bata vermelha da confraria, e não é pouco dizer, pois os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não frequentavam igrejas, rebeldes à missa e à confissão, deixando essas fraquezas para as fêmeas da família:

— Isso de igreja é coisa para mulheres.

Contentavam-se com atender os pedidos de dinheiro do bispo e dos padres para obras e folguedos: o colégio das freiras no alto da Vitória, o palácio diocesano, escolas de catecismo, novenas, mês de Maria, quermesses, festas de Santo Antônio e São João.

Naquele ano, em vez de ficarem nos bares bebericando, estavam todos eles na procissão, de vela em punho, contritos, prometendo mundos e fundos a São Jorge em troca das chuvas preciosas. A multidão, atrás dos andores, acompanhava pelas ruas a reza dos padres. Paramentado, as mãos unidas para a oração, o rosto compungido, o padre Basílio elevava a voz sonora puxando as preces. Es-

colhido para a importante função por suas eminentes virtudes, por todos consideradas e estimadas, o fora também por ser o santo homem proprietário de terras e roças, diretamente interessado na intervenção celestial. Rezava assim com redobrado vigor.

As solteironas, numerosas, em torno à imagem de santa Maria Madalena, retirada na véspera da igreja de São Sebastião, para acompanhar o andor do santo padroeiro em sua ronda pela cidade, sentiam-se transportar em êxtase ante a exaltação do padre habitualmente apressado e bonachão, despachando sua missa num abrir e fechar de olhos, confessor pouco atento ao muito que elas tinham a lhe contar, tão diferente do padre Cecílio, por exemplo.

Elevava-se a voz vigorosa e interessada do padre na prece ardente, elevava-se a voz fanhosa das solteironas, o coro unânime dos coronéis, suas esposas, filhas e filhos, dos comerciantes, exportadores, trabalhadores vindos do interior para a festa, carregadores, homens do mar, mulheres da vida, empregados no comércio, jogadores profissionais e malandros diversos, dos meninos do catecismo e das moças da Congregação Mariana. Subia a prece para um diáfano céu sem nuvens, onde, assassina bola de fogo, queimava um sol impiedoso — capaz de destruir os recém-nascidos brotos dos cocos de cacau.

Certas senhoras de sociedade, numa promessa combinada durante o último baile do Clube Progresso, acompanhavam a procissão de pés descalços, oferecendo o sacrifício de sua elegância ao santo, pedindo-lhe chuva. Murmuravam-se promessas diversas, apressava-se o santo, nenhuma demora se lhe podia admitir, ele bem via a aflição de seus protegidos, era milagre urgente o que lhe pediam.

São Jorge não ficaria indiferente às preces, à repentina e comovente religiosidade dos coronéis e ao dinheiro por eles prometido para a igreja matriz, aos pés nus das senhoras castigados pelos paralelepípedos das ruas, tocado sem dúvida mais que tudo pela agonia do padre Basílio. Tão receoso estava o padre pelo destino dos seus frutos de cacau que, nos intervalos do rogo vigoroso, quando o coro clamava, jurava ao santo abster-se um mês inteiro dos doces favores de sua comadre e ama Otália. Cinco vezes comadre pois já cinco robustos rebentos — tão vigorosos e promissores quanto os cacauais do padre — levava ela, envoltos em cambraia e renda, à pia batismal. Não os podendo perfilhar, era o padre Basílio padrinho de todos cinco — três meninas e dois meninos — e, exercendo a caridade cristã, lhes emprestava o uso do seu próprio nome de família: Cerqueira, um belo e honrado nome.

Como poderia são Jorge ficar indiferente a tanta aflição? Vinha ele dirigindo, bem ou mal, os destinos dessa terra, hoje do cacau, desde os tempos imemoriais da capitania. O donatário, Jorge de Figueiredo Correia, a quem o rei de Portugal dera, em sinal de amizade, essas dezenas de léguas povoadas de silvícolas e de pau-brasil, não quisera deixar pela floresta bravia os prazeres da corte lisboeta, mandara seu cunhado espanhol morrer nas mãos dos índios. Mas lhe recomendara pôr sob a proteção do santo vencedor dos dragões aquele feudo que o rei seu senhor houvera por bem lhe regalar. Não iria ele a essa distante terra

primitiva mas lhe daria seu nome consagrando-a a seu xará São Jorge. Do seu cavalo na lua, seguia assim o santo o destino movimentado desse São Jorge dos Ilhéus desde cerca de quatrocentos anos. Vira os índios trucidarem os primeiros colonizadores e serem por sua vez trucidados e escravizados, vira erguerem-se os engenhos de açúcar, as plantações de café, pequenos uns, medíocres as outras. Vira essa terra vegetar, sem maior futuro, durante séculos. Assistira depois à chegada das primeiras mudas de cacau e ordenara aos macacos juparás que se encarregassem de multiplicar os cacaueiros. Talvez sem objeto preciso, apenas para mudar um pouco a paisagem da qual já devia estar cansado após tantos anos. Não imaginando que, com o cacau, chegava a riqueza, um tempo novo para a terra sob sua proteção. Viu então coisas terríveis: os homens matando-se traiçoeira e cruelmente pela posse de vales e colinas, de rios e serras, queimando as matas, plantando febrilmente roças e roças de cacau. Vira a região de súbito crescer, nascerem vilas e povoados, vira o progresso chegar a Ilhéus trazendo um bispo com ele, novos municípios serem instalados — Itabuna, Itapira —, elevar-se o colégio das freiras, vira os navios desembarcando gente, tanta coisa vira que pensava nada poder mais impressioná-lo. Ainda assim impressionou-se com aquela inesperada e profunda devoção dos coronéis, homens rudes, pouco afeitos a leis e rezas, com aquela louca promessa do padre Basílio Cerqueira, de natural incontinente e fogoso, tão fogoso e incontinente que o santo duvidava pudesse ele cumpri-la até o fim.

Quando a procissão desembocou na praça São Sebastião, parando ante a pequena igreja branca, quando Glória persignou-se sorridente em sua janela amaldiçoada, quando o árabe Nacib avançou do seu bar deserto para melhor apreciar o espetáculo, então aconteceu o falado milagre. Não, não se encheu de nuvens negras o céu azul, não começou a cair a chuva. Sem dúvida para não estragar a procissão. Mas uma esmaecida lua diurna surgiu no céu, tão perfeitamente visível apesar da claridade ofuscante do sol. O negrinho Tuísca foi o primeiro a enxergá-la e chamou a atenção das irmãs Dos Reis, suas patroas, no grupo todo em negro das solteironas. Um clamor de milagre sucedeu, partindo das solteironas excitadas, propagando-se pela multidão, logo espalhando-se pela cidade toda. Durante dois dias não se falara noutra coisa. São Jorge viera para ouvir as preces, as chuvas não tardariam.

Realmente, alguns dias após a procissão, nuvens de chuva se acumularam no céu e as águas começaram a cair no começo da noite. Só que São Jorge, naturalmente impressionado pelo volume de orações e promessas, pelos pés descalços das senhoras e pelo espantoso voto de castidade do padre Basílio, fez milagre demais e agora as chuvas não queriam parar, a estação das águas se prolongava já por mais de duas semanas além do tempo habitual.

Aqueles brotos apenas nascidos dos cocos de cacau, cujo desenvolvimento o sol ameaçara, haviam crescido magníficos com as chuvas, em número nunca visto, agora começavam novamente a necessitar do sol para se porem de vez. A continuação das chuvas, pesadas e persistentes, poderia apodrecê-los antes da

colheita. Com os mesmos olhos de temor agoniado, os coronéis fitavam o céu plúmbeo, a chuva descendo, buscavam o sol escondido. Velas eram acesas nos altares de São Jorge, de São Sebastião, de Maria Madalena, até no de Nossa Senhora da Vitória, na capela do cemitério. Mais uma semana, mais dez dias de chuvas e a safra estaria por inteiro em perigo, era uma trágica expectativa.

Eis por que quando, naquela manhã em que tudo começou, um velho fazendeiro, o coronel Manuel das Onças (assim chamado porque suas roças ficavam num tal fim de mundo que lá, segundo diziam e ele confirmava, até onças rugiam), saiu de casa ainda quase noite, às quatro da manhã, e viu o céu despejado, num azul fantasmagórico de aurora desabrochando, o sol a anunciar-se num clarão alegre sobre o mar, elevou os braços, gritou num alívio imenso:

— Enfim... A safra está salva.

O coronel Manuel das Onças apressou o passo em direção à banca de peixe, nas imediações do porto, onde pela manhãzinha, cotidianamente, reunia-se um grupo de velhos conhecidos em torno das latas de mingau das baianas. Não iria encontrar ainda ninguém, era ele sempre o primeiro a chegar, mas andava depressa como se todos o esperassem para ouvir a notícia. A alvissareira notícia do fim da estação das chuvas. O rosto do fazendeiro abria-se num sorriso feliz.

Estava garantida a safra, aquela que seria a maior safra, a excepcional, de preços em constante alta, naquele ano de tantos acontecimentos sociais e políticos, quando tanta coisa mudaria em Ilhéus, ano por muitos considerado como decisivo na vida da região. Para uns foi o ano do caso da barra, para outros o da luta política entre Mundinho Falcão, exportador de cacau, e o coronel Ramiro Bastos, o velho cacique local. Terceiros lembravam-no como o ano do sensacional julgamento do coronel Jesuíno Mendonça, alguns como o da chegada do primeiro navio sueco, dando início à exportação direta do cacau. Ninguém, no entanto, fala desse ano, da safra de 1925 à de 1926, como o ano do amor de Nacib e Gabriela, e, mesmo quando se referem às peripécias do romance, não se dão conta de como, mais que qualquer outro acontecimento, foi a história dessa doída paixão o centro de toda a vida da cidade naquele tempo, quando o impetuoso progresso e as novidades da civilização transformavam a fisionomia de Ilhéus.

DO PASSADO & DO FUTURO MISTURADOS NAS RUAS DE ILHÉUS

As chuvas prolongadas haviam transformado estradas e ruas em lamaçais, diariamente revolvidos pelas patas das tropas de burros e dos cavalos de montaria.

A própria estrada de rodagem, recentemente inaugurada, ligando Ilhéus a Itabuna, onde trafegavam caminhões e marinetes, ficara, em certo momento, quase intransitável, pontilhões arrastados pelas águas, trechos com tanta lama que ante eles os choferes recuavam. O russo Jacob e seu sócio, o jovem Moacir Estrela, dono de uma garagem, haviam raspado um susto. Antes da chegada das chuvas organizaram uma empresa de transportes para explorar a ligação rodo-

viária entre as duas principais cidades do cacau, encomendaram quatro pequenos ônibus no sul. A viagem por estrada de ferro durava três horas quando não havia atraso, pela estrada de rodagem podia ser feita em hora e meia.

Esse russo Jacob possuía caminhões, transportava cacau de Itabuna para Ilhéus. Moacir Estrela montara uma garagem no centro, também ele labutava com caminhões. Juntaram suas forças, levantaram capital num banco, assinando duplicatas, mandaram buscar as marinetes. Esfregavam as mãos na expectativa de negócio rendoso. Isto é: o russo esfregava as mãos, Moacir contentava-se em assoviar. O assovio alegre enchia a garagem enquanto, nos postes da cidade, boletins anunciavam o próximo estabelecimento da linha de ônibus, viagens mais rápidas e mais baratas que pelo trem de ferro.

Só que as marinetes demoraram a chegar, e quando finalmente desembarcaram de um pequeno cargueiro do Lloyd Brasileiro, ante a admiração geral da cidade, as chuvas estavam no auge e a estrada em petição de miséria. A ponte de madeira sobre o rio Cachoeira, coração mesmo da estrada, estava ameaçada pela cheia do rio e os sócios resolveram adiar a inauguração das viagens. As marinetes novinhas ficaram quase dois meses na garagem, enquanto o russo praguejava numa língua desconhecida e Moacir assoviava com raiva. Os títulos venciam no banco, e se Mundinho Falcão não os houvesse socorrido no aperto o negócio teria fracassado antes mesmo de iniciar-se. Fora o próprio Mundinho quem procurara o russo, mandando-o chamar a seu escritório, oferecendo-lhe, sem juros, o dinheiro necessário. Mundinho Falcão acreditava no progresso de Ilhéus e o incentivava.

Com a diminuição das chuvas o rio baixara, Jacob e Moacir, apesar do tempo continuar ruim, mandaram consertar por conta própria uns pontilhões, botaram pedras nos trechos mais escorregadios, e iniciaram o serviço. A viagem inaugural, com o próprio Moacir Estrela dirigindo a marinete, deu lugar a discursos e a piadas. Os passageiros eram todos convidados: o intendente, Mundinho Falcão, outros exportadores, o coronel Ramiro Bastos, outros fazendeiros, o Capitão, o Doutor, advogados e médicos. Alguns, receosos da estrada, apresentaram desculpas diversas, os seus lugares foram ocupados por outros, e tantos eram os candidatos que acabou indo gente em pé. A viagem durou duas horas — a estrada ainda estava muito difícil — mas correu sem incidente de maior monta. Em Itabuna, à chegada, houve foguetório e almoço comemorativo. O russo Jacob anunciara então, para o fim da primeira quinzena de viagens regulares, um grande jantar em Ilhéus, reunindo personalidades dos dois municípios, para festejar mais aquele marco do progresso local. O banquete foi encomendado a Nacib.

Progresso era a palavra que mais se ouvia em Ilhéus e em Itabuna naquele tempo. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida. Aparecia nas colunas dos jornais, no cotidiano e nos semanários, surgia nas discussões na Papelaria Modelo, nos bares, nos cabarés. Os ilheenses repetiam-na a propósito das novas ruas, das praças ajardinadas, dos edifícios no centro comercial e das residências modernas na praia, das oficinas do *Diário de Ilhéus*, das marinetes saindo pela

manhã e à tarde para Itabuna, dos caminhões transportando cacau, dos cabarés iluminados, do novo Cine-Teatro Ilhéus, do campo de futebol, do colégio do dr. Enoch, dos conferencistas esfomeados vindos da Bahia e até do Rio, do Clube Progresso com seus chás dançantes. “É o progresso!” Diziam-no orgulhosamente, conscientes de concorrerem todos para as mudanças tão profundas na fisiologia da cidade e nos seus hábitos.

Havia um ar de prosperidade em toda parte, um vertiginoso crescimento. Abriam-se ruas para os lados do mar e dos morros, nasciam jardins e praças, construíam-se casas, sobrados, palacetes. Os aluguéis subiam, no centro comercial atingiam preços absurdos. Bancos do sul abriam agências, o Banco do Brasil edificara prédio novo, de quatro andares, uma beleza!

A cidade ia perdendo, a cada dia, aquele ar de acampamento guerreiro que a caracterizara no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados a cavalo, de revólver à cinta, amedrontadores jagunços de repetição em punho atravessando ruas sem calçamento, ora de lama permanente, ora de permanente poeira, tiros enchendo de susto as noites intranquilas, mascates exibindo suas malas nas calçadas. Tudo isso acabava, a cidade esplendia em vitrines coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios. Terra de pouca religião, orgulhara-se no entanto com a promoção a diocese, e recebera entre festas inesquecíveis o primeiro bispo. Fazendeiros, exportadores, banqueiros, comerciantes, todos deram dinheiro para a construção do colégio das freiras, destinado às moças ilheenses, e do palácio diocesano, ambos no Alto da Conquista. Como deram dinheiro para a instalação do Clube Progresso, iniciativa de comerciantes e doutores, Mundinho Falcão à frente, onde aos domingos havia chás dançantes e de quando em quando grandes bailes. Surgiam clubes de futebol, prosperava o Grêmio Rui Barbosa. Naqueles anos Ilhéus começara a ser conhecida nos estados da Bahia e de Sergipe como a Rainha do Sul. A cultura do cacau dominava todo o sul do estado da Bahia, não havia lavoura mais lucrativa, as fortunas cresciam, crescia Ilhéus, capital do cacau.

No entanto ainda se misturavam em suas ruas esse impetuoso progresso, esse futuro de grandezas, com os restos dos tempos da conquista da terra, de um próximo passado de lutas e bandidos. Ainda as tropas de burros, conduzindo cacau para os armazéns dos exportadores, invadiam o centro comercial, misturando-se aos caminhões que começavam a fazer-lhes frente. Passavam ainda muitos homens calçados de botas, exibindo revólveres, estouravam ainda facilmente arruaças nas ruas de canto, jagunços conhecidos arrotavam valentias nos botequins baratos, de quando em vez um assassinato era cometido em plena rua. Cruzavam essas figuras, nas ruas calçadas e limpas, com exportadores prósperos, vestidos com elegância por alfaiates vindos da Bahia, com incontáveis caixeiros-viajantes ruidosos e cordiais, sabendo sempre as últimas anedotas, com os médicos, advogados, dentistas, agrônomos, engenheiros, chegados a cada navio. Mesmo muitos fazendeiros andavam sem botas e sem armas, um ar pacífico, construindo boas casas de moradia,

vivendo parte de seu tempo na cidade, botando os filhos no colégio de Enoch ou enviando-os para os ginásios da Bahia, as esposas indo às fazendas apenas pelas férias, gastando sedas e sapatos de taco alto, frequentando as festas do Progresso.

Muita coisa recordava ainda o velho Ilhéus de antes. Não o do tempo dos engenhos, das pobres plantações de café, dos senhores nobres, dos negros escravos, da casa ilustre dos Ávilas. Desse passado remoto sobravam apenas vagas lembranças, só mesmo o Doutor se preocupava com ele. Eram os aspectos de um passado recente, do tempo das grandes lutas pela conquista da terra. Depois que os padres jesuítas haviam trazido as primeiras mudas de cacau. Quando os homens, chegados em busca de fortuna, atiraram-se para as matas e disputaram, na boca das repetições e dos parábulas, a posse de cada palmo de terra. Quando os Badarós, os Oliveiras, os Braz Damásio, os Teodoros das Baraúnas, outros muitos, atravessavam os caminhos, abriam picadas, à frente dos jagunços, nos encontros mortais. Quando as matas foram derrubadas e os pés de cacau plantados sobre cadáveres e sangue. Quando o caxixe reinou, a justiça posta a serviço dos interesses dos conquistadores de terra, quando cada grande árvore escondia um atirador na tocaia, esperando sua vítima. Era esse passado que ainda estava presente em detalhes da vida da cidade e nos hábitos do povo. Desaparecendo aos poucos, cedendo lugar às inovações, a recentes costumes. Mas não sem resistência, sobretudo no que se referia a hábitos, transformados pelo tempo quase em leis.

Um desses homens apegados ao passado, olhando com desconfiança aquelas novidades de Ilhéus, vivendo o tempo quase todo na roça, vindo à cidade somente a negócios — discutir com os exportadores —, era o coronel Manuel das Onças. Andando pela rua deserta, na madrugada sem chuvas, a primeira após tanto tempo, pensava em partir naquele mesmo dia para sua fazenda. Aproximava-se a época da colheita, o sol iria agora dourar os frutos de cacau, as roças ficavam uma beleza. Era daquilo que ele gostava, a cidade não conseguia prendê-lo apesar de tantas sedução: cinemas, bares, cabarés com mulheres formosas, lojas sortidas. Preferia a fartura da fazenda, as caçadas, o espetáculo das roças de cacau, as conversas com os trabalhadores, as histórias repetidas dos tempos das lutas, os casos de cobras, as caboclinhas humildes nas pobres casas de rameiras, nos povoados. Viera a Ilhéus para conversar com Mundinho Falcão, vender cacau para entrega posterior, retirar dinheiro para novas benfeitorias na fazenda. O exportador andava pelo Rio, ele não quisera discutir com o gerente, preferira esperar, já que Mundinho chegaria pelo próximo ita.

E, enquanto esperava, na cidade alegre apesar das chuvas, ia sendo arrastado pelos amigos aos cinemas (em geral dormia no meio do filme, cansava-lhe a vista), aos bares, aos cabarés. Mulheres com tanto perfume, meu Deus!, um despropósito... E cobrando alto, pedindo joias, querendo anéis... Esse Ilhéus era mesmo uma perdição... No entanto, a visão do céu límpido, a certeza da safra garantida, o cacau a secar nas barcas, a largar o mel nos cochos, partindo no lombo dos burros, fazia-o tão feliz que ele pensou ser injusto manter a família na

fazenda, os meninos crescendo sem instrução, a esposa na cozinha, como uma negra, sem uma diversão. Outros coronéis viviam na cidade, construíam boas casas, vestiam-se como gente...

De tudo quanto fazia em Ilhéus, durante suas rápidas estadas, nada agradava tanto ao coronel Manuel das Onças quanto a conversa matutina com os amigos, junto da banca de peixe. Naquele dia lhes anunciaria sua decisão de botar casa em Ilhéus, de trazer a família. Nessas coisas ia pensando pela rua deserta quando, ao desembocar no porto, encontrou o russo Jacob, a barba ruiva por fazer, despenteado, eufórico. Mal enxergou o coronel, abriu os braços e bradou qualquer coisa mas, tão excitado estava, o fez em língua estrangeira, o que não impediu o iletrado fazendeiro de entender e responder:

— Pois é... Finalmente... Temos sol, meu amigo.

O russo esfregava as mãos:

— Agora botaremos três viagens diárias: às sete horas, ao meio-dia, às quatro da tarde. E vamos encomendar mais duas marinetes.

Juntos andaram até a garagem, o coronel, afoito, anunciou:

— Dessa vez vou viajar nessa sua máquina. Me decidi...

O russo riu:

— Com a estrada seca a viagem vai durar pouco mais de uma hora...

— Que coisa! Quem diria! Trinta e cinco quilômetros em hora e meia...

Antigamente a gente levava dois dias, a cavalo... Pois, se Mundinho Falcão chegar hoje no ita, pode me reservar passagem para amanhã de manhã...

— Isso é que não, coronel. Amanhã, não.

— E por que não?

— Porque amanhã é o nosso jantar de comemoração e o senhor é meu convidado. Um jantar de primeira, com o coronel Ramiro Bastos, os intendentos, o daqui e o de Itabuna, o juiz de direito, e o de Itabuna também, Mundinho Falcão, tudo gente de primeira... O gerente do Banco do Brasil... Uma festa de arromba!

— Quem sou eu, Jacob, para essas lordezas... Vivo no meu canto.

— Faço questão de sua presença. É no Bar Vesúvio, o de Nacib.

— Nesse caso, fico pra ir depois de amanhã...

— Vou lhe reservar lugar no primeiro banco.

O fazendeiro despedia-se:

— Não há mesmo perigo desse troço virar? Com uma velocidade assim...

Parece impossível.

DOS NOTÁVEIS NA BANCA DE PEIXE

Silenciaram um instante, ouvindo o apito do navio.

— Está pedindo prático... — disse João Fulgêncio.

— É o ita que vem do Rio. Mundinho Falcão chega nele — informou o Capitão, sempre a par das novidades.